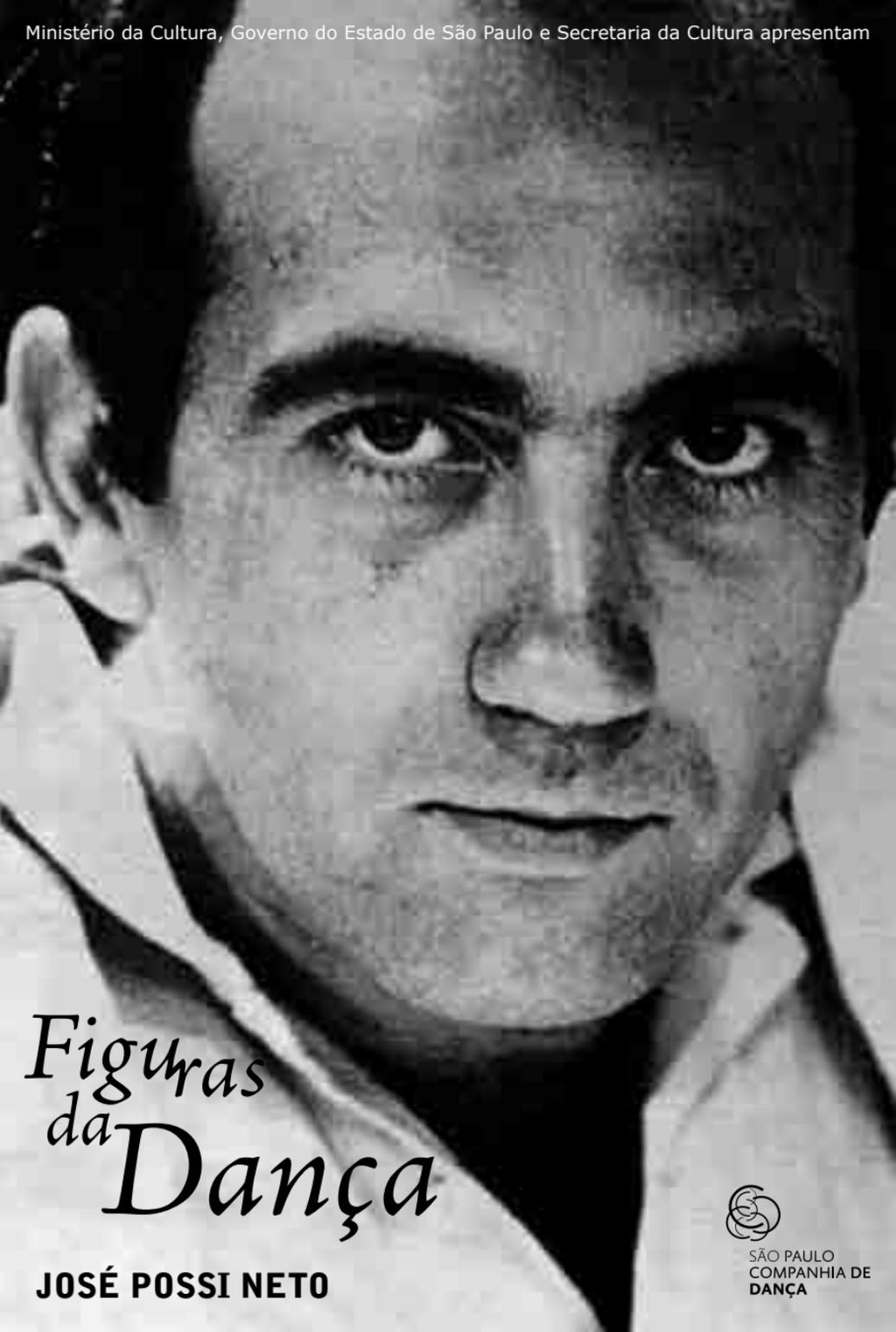


Ministério da Cultura, Governo do Estado de São Paulo e Secretaria da Cultura apresentam



Figuras
da
Dança

JOSÉ POSSI NETO



SÃO PAULO
COMPANHIA DE
DANÇA



José Possi Neto: a dança da vida nos palcos do mundo

Maverick é uma expressão em inglês que se refere a uma pessoa independente, autêntica, alguém que, como o gado do cidadão que deu origem à expressão, não é marcado, isto é, não pode ser identificado como pertencente a um determinado rebanho. José Possi Neto é um *maverick*.

Numa época em que é hegemônica a visão de que o melhor teatro surge na produção dos grupos estáveis, ele nunca teve um – e seus espetáculos nunca deixaram de estar entre os mais instigantes. Numa dança encabeçada por coreógrafos e bailarinos, ele não dança nem coreografa, mas qualquer profissional da área adoraria trabalhar com ele. Transitando entre o dito comercial e o entendido como experimental, do musical a espetáculos pessoais inclassificáveis, foi um dos introdutores do teatro-dança em nosso cenário e ganhou todos os prêmios possíveis em todas as áreas em que atuou. No entanto, permanece imune a classificações e simplificações.

Pelo charme e pela compulsiva sedução que exerce, poderia ter sido de diplomata a profissional do sexo. E, pela descrição que as gerações de atores e bailarinos que com ele já colaboraram fazem dos ensaios, teria se destacado em qualquer uma delas. Mas diplomatas não costumam ser espontâneos e profissionais do sexo não podem se permitir tanta liberdade – e eu diria tanto prazer – no cotidiano do ofício.

Ao fim e ao cabo, é disso que se trata. Ofício, como bem disse o próprio Possi na entrevista que concedeu para essa produção, é o que define seu trabalho. “Eu não sou melhor que uma caixa de supermercado.



Eu só ganho mais – e ainda ganho aplausos!” Não vai aí nenhuma falsa modéstia, mas a consciência de que trabalho – braçal, intelectual, ou ambos, como é o caso dos ofícios ligados à arte – é antes de tudo apenas trabalho.

E ele trabalha! Com mais de cem espetáculos assinados, nos últimos anos dirigindo quatro ao mesmo tempo, a aparente calma e *aisance* com que se move pelos diversos ambientes não deixa entrever a profundidade de seu comprometimento e entrega.

Possi fala de sua origem pobre com o orgulho dos que ascenderam pelo próprio esforço. Vê mesmo nesse passado as raízes de seu sucesso. Por um lado, a percepção de uma preocupação estética espontânea – “do jardim ao arranjo de mesa” – que seria originária de sua ancestralidade italiana, como leu, décadas depois de sair do bairro da Mooca, em textos de Camille Paglia. De outro lado, a lição paterna de que só duas coisas importam: cultura e amizades.

“Quando se vive em pobreza, toda beleza é bem-vinda”, diz parafraseando ou melhorando a fala de Joãozinho Trinta (1933-2011). E a beleza chegava pelas telas do cinema (patrocinado pelos pais que, anos depois ele percebeu, deixaram de ir eles mesmos para fazer caber no minguado orçamento esse luxo para os filhos); pela TV, nos programas escritos, dirigidos e produzidos pelo casal de ouro de nossa primeira televisão, Júlio Gouveia (1914-1988) e Tatiana Belinky (1919-2013); ou pelas inumeráveis horas de leitura, hábito que ainda o acompanha em sua vida de insone: ele só dorme cinco horas por noite.

Seu primeiro *approach* a uma obra é sempre visual. “Eu me inspiro em espaço. [...] Tudo levou a crer que eu seria arquiteto.” Esse ponto de vista resultou numa obra cênica em que o palco nu não





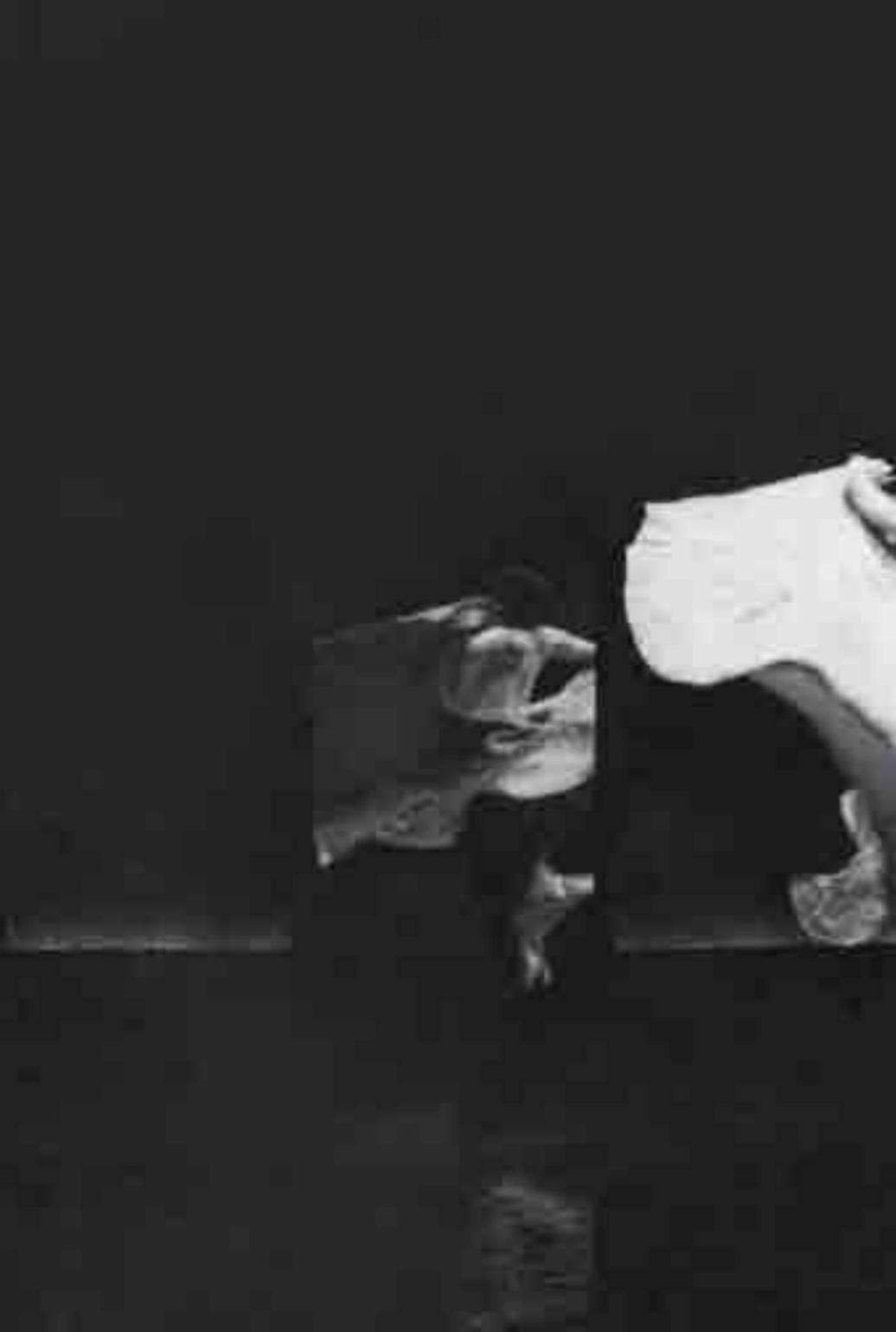


é uma opção. “A caixa do palco é uma caixa de ilusões.” Só não é sempre iluminador, cenógrafo, figurinista e sonoplasta de sua própria obra porque sabe que uma das peculiaridades do palco é a potência de sua capacidade de agregar a criatividade e conhecimento de diversos artistas. Como tem estilo e autoria, essas contribuições nunca confundem ou embaçam sua assinatura inconfundível.

O que não significa que seja um diretor de traços estilísticos imutáveis e reconhecíveis ao longo de sua trajetória. “A cada trabalho, você se redescobre. Um artista se constrói a partir da identidade que ele consegue criar a partir da sua experiência no palco.” As constantes são o bom gosto (sem perder o humor), a procura por um equilíbrio orgânico entre os corpos e a caixa mágica, além do ininterrupto questionamento simbólico e social da inserção do artista e do espectador na realidade que dividem – sem nunca transformar esse questionamento em lugar-comum.

Foi pela primeira vez ao teatro aos 19 anos. Deslumbrou-se com a peça *A Megera Domada* dirigida por Antunes Filho, em 1966. O mesmo Antunes que, na companhia de Flávio Império (1935-1985), o convidaria para jantar, em 1979, após haver assistido a *Um Sopro de Vida*, apenas para lhe dar as boas-vindas ao que na época chamávamos de classe teatral. “Você é do ramo.”

Esta é outra característica surpreendente em José Possi Neto: sempre sintonizado com o novo e com a moda, é também um homem da tradição, um passador de bastão, que sabe que não inventou a roda, apenas deu-lhe sua melhor versão possível; e que, além de se alimentar do sangue jovem do qual se rodeia, injeta nele também todo o conhecimento e incentivo que pode ofertar.







Ingressou na primeira turma da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). No primeiro ano, cursou Rádio e TV. Mas a greve de 1968 e o movimento estudantil lhe permitiram conhecer os professores do curso de crítica teatral. A diferença de qualidade humana e intelectual, segundo ele, o fez mudar de curso no semestre seguinte.

No novo curso, teve por mestres: Jacob Guinsburg, Sábado Magaldi (1927-2016), Anatol Rosenfeld (1912-1973), Flávio Império. Guinsburg logo julgou ter encontrado nele um crítico. Mas sua vocação sempre foi a prática, o movimento, a criação.

Saiu da Universidade de São Paulo (USP) para dar aulas de atuação e direção na Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia (UFBA), em Salvador – sem nunca ter aprendido didática. Encontrou lá, ao montar sua versão de *A Casa de Bernarda Alba*, de Federico García Lorca (1898-1936), o que seria o gérmen de seu método: o trabalho físico em que a atenção é voltada para cada ator com o objetivo de fundar no próprio corpo do artista a compreensão e a expressão, isto é, o conteúdo e a forma do espetáculo.

Essa forma de encarar cada novo processo, a partir do corpo dos intérpretes, exige sempre trabalho árduo, mas também é a razão de seu sucesso com todos os atores, bailarinos, cantores populares ou líricos com os quais trabalha. Possi não imagina ou idealiza o trabalho. Ele enxerga o potencial de cada parceiro e cocriador e instaura uma investigação que leva essa virtualidade a se concretizar em estrutura da criação. Sem permitir que o ensaio se transforme em sessão de análise, pois desde cedo soube a diferença.





Apesar de ser fascinado pelo balé desde a mais tenra infância e ter se impressionado muito com uma aula de Maria Duschenes (1922-2014) assistida em São Paulo e com o trabalho de Lia Robatto na UFBA em Salvador, foi apenas quando ganhou em 1976 uma bolsa pela Fundação Fulbright para desenvolver suas pesquisas em Nova York que a dança entrou definitivamente no seu caminho.

Lá, Ruth Rachou colocou-o em contato com o que havia de mais importante naquele momento: do “chaaaato!!” Merce Cunningham (1919-2009) a Meredith Monk. Ao voltar ao Brasil, a convite da própria Ruth, dirigiu seu primeiro solo, *Dona Esperança*. “Todos colocavam a Ruth de rainha, grande dama, eu a botei pra lavar chão, literalmente, com balde e rodo. Foi um escândalo!” O objetivo não era chocar, mas fazer a grande artista reconectar-se com os movimentos reais, “não artísticos”, por meio de ações físicas concretas.

A experiência deu tão certo que desembocaria em seu primeiro espetáculo de teatro-dança, *Sonho de Valsa* (1979), do qual também participou o saudoso e talentosíssimo Thales Pan Chacon (1956-1997).

O espetáculo causou ainda mais mal-estar na classe e na crítica. Não era nem dança nem teatro – não fosse teatro-dança, conceito que ainda não circulava por aqui. E, no entanto, não podia ser ignorado, dada sua qualidade e ousadia.

A discussão se acirraria com o espetáculo seguinte – o primeiro em parceria com Marilena Ansaldi, personagem pioneira, única e insubstituível na cena do teatro-dança – *Um Sopro de Vida* (1979), inspirado na obra homônima de Clarice Lispector (1920-1977), o qual lhe rendeu o Prêmio APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) de melhor diretor de Espetáculo de Dança. Esse espetáculo protagonizou

uma situação inédita no tradicional jornal *O Estado de S. Paulo* ao receber duas críticas: uma redigida pela crítica de teatro Mariângela Alves de Lima e a outra, pelo crítico de dança Acácio Valim.

A estética e o método de trabalho desenvolvidos nesses espetáculos amadureceriam em duas outras obras consideradas igualmente antológicas: *Tratar com Murdock* (1981) e *Rito de Amor e Morte na Casa de Lilith, a Lua Negra* (1986). Em ambos, Possi levou à perfeição seu conceito de Teatro-Dança: um teatro cujo eixo são as imagens. Não o teatro híbrido com as artes plásticas como o concebido por Robert Wilson e outros, mas um teatro em que o eixo é determinado por imagens do inconsciente que estruturam, impulsionam e definem uma narrativa que, se não é totalmente explícita, é, sim, vivida em cena por corpos conscientes. Afinal, “movimento sem alma é como texto sem subtexto”.

Faziam parte do elenco de *Tratar com Murdock*, além de Ruth Rachou, Mazé Crescenti, Selma Egrei, Denilto Gomes (1953-1994), Tânia Bondezan, Cristina Brandini, Michele Matalon e Ivaldo Bertazzo. Victor Navarro assinava a coreografia. Já *Lilith* não tinha nem coreógrafo, pois os movimentos surgiam das improvisações que o próprio Possi dirigia.

Seu pé no *show business* começou com a direção de *Summertime*, o mítico primeiro show de Cida Moreira e passou por vozes como as de Zizi Possi (sim, é sua irmã, antes que alguém pergunte), Maria Bethânia e Simone. São espetáculos em que sempre junta o grande requinte na organização dos elementos do palco ao essencial: a direção de atores. Grandes intérpretes, como as citadas, encontram na direção segura de Possi o enquadre ideal para exporem o melhor da sua arte. Da junção dessa experiência com a de seus espetáculos experimentais de dança surgiu um novo híbrido: o musical de dança. Ou seja lá como se chame o inclassificável e delicioso *Emoções Baratas* (1988),



com a banda de jazz Heartbreakers, liderada por George Freire e Guga Stroeter, e as vozes inesquecíveis das cantoras Misty e Adyel. Não havia história nem mesmo personagens propriamente ditas. Mas não era apenas um show. Havia uma sucessão de quadros e sensações que geravam em cada espectador a nítida impressão de ter visto um espetáculo diferente.

O mesmo formato se desdobraria em dois outros espetáculos: *Mucho Corazón* (1992) e *Baile Estelar* (2005). Nenhum deles teve o mesmo sucesso de estima nem se transformou numa referência como *Emoções Baratas*, mas ambos provaram que o novo gênero tinha ainda muito fôlego.

Dividindo-se entre tantos gêneros e formatos, Possi nunca deixou de criar e circular pelo universo da dança. Foi diretor artístico do Balé da Cidade de São Paulo por dois anos e meio, experiência rica, mas com certeza também enlouquecedora para quem tem na criação o pão nosso de cada dia. Seu trabalho já o levou a dirigir coisas tão díspares quanto um espetáculo para a Cisne Negro Cia. de Dança, uma gala para o Piccolo Teatro Studio de Milão (Itália) e um espetáculo experimental criado a partir de um *workshop* que ministrou no Teatro de Bremen (Alemanha).

Sua mais recente parceria é também a mais longeva (sem contar a ininterrupta com Marilena Ansaldi, aliás, presente na atual também): já são cinco espetáculos com a Studio 3 Cia. de Dança, coreografados por Anselmo Zolla, sempre com um grupo fixo de intérpretes que inclui a bailarina Vera Lafer. São espetáculos grandiosos, que passam ao menos por Rio de Janeiro, São Paulo e Paris. Entre o método pessoal que nunca abandonou e uma estética que não se furta a tentar formar novas plateias, seduzindo-as para a dança, parece ainda buscar uma síntese. Cada espetáculo conta com um convidado especial: Zizi Possi, Marilena Ansaldi e Christiane Torloni já participaram.

Possi recebeu todos os prêmios existentes para o teatro, ao dirigir uma lista que inclui alguns dos melhores de sua geração e das anteriores: Marília Pêra (1943-2015), Natália Timberg, Irene Ravache, Paulo Autran (1922-2007), Raul Cortez (1932-2006), Fernanda Montenegro, Regina Braga, Beatriz Segall, Juca de Oliveira, Cláudio Corrêa e Castro (1928-2005).

Nesse campo também encontrou parcerias estáveis e longevas, a maior delas com Christiane Torloni. Por mais de 25 anos, ela vem protagonizando e experimentando espetáculos nos mais diversos formatos, sempre marcados por um extraordinário vigor físico e uma total entrega ao método e universo de Possi. Ópera, cinema comercial, performance – quase impossível encontrar uma manifestação dramática em que José Possi Neto não tenha deixado sua marca.

Em todas elas, o mesmo desejo profundo, nascido de uma visão artaudiana do teatro como substituto da religião, na ritualização da existência com o intuito de libertar o indivíduo. “Meu trabalho é um ataque contra o medo e a culpa. A função do teatro é a perversão, tirar as pessoas do marasmo, do conformismo.”

Mas sempre com muito prazer na sala de ensaios, no palco e na plateia. Afinal, ele já disse: “Não nasci para ser vítima.” Assim, espalha beleza, humor e afeto na vida de seus parceiros artísticos e de todos nós, seus privilegiados e sempre seduzidos espectadores. José Possi Neto faz com que todos dancemos ao ritmo de seus pensamentos e encontremos a harmonia possível nos nossos corpos reais.

por Aimar Labak

Aimar Labak é dramaturgo, diretor, roteirista, tradutor e ensaísta. Autor de José Celso Martinez Correia (Publifolha, 2002) e co-autor de Stanislávski - Vida, obra, sistema com Elena Vássima (Funarte, 2016). Finalista do Prêmio Jabuti. Autor da telenovela Paixões Proibidas (RTP-Band, 2006), teve textos encenados por autores como Gianni Ratto, Emílio de Biasi, Débora Dubois, Roberto Alvim e Gilberto Grawonski. Atualmente escreve um roteiro de cinema e prepara o espetáculo Zibaldoni, com textos de Giacomo Leopardi.

New York, New York (fotos: Marcos Mesquita) >

Cabaret (fotos: Acervo pessoal) >







José Possi Neto | Cronologia

1947 – Dia 12 de abril, em São Paulo, nasce José Possi Neto, filho de Alberto Possi (1922-2009) e Thereza Esposito Possi (1924-2014);

1951-1952 – Entre os quatro e cinco anos de idade tem o seu primeiro contato com a dança (dança de salão), por meio dos encontros familiares;

1953-1956 – Cursa o grau escolar primário no Grupo Escolar Eduardo Carlos Pereira, na Mooca, em São Paulo;

1958-1965 – Cursa o ginásio e o colegial no Instituto de Educação Antonio Firmino de Proença, na Mooca, em São Paulo;

1966 – Aos 19 anos assiste à primeira peça de teatro, *A Megera Domada*, inspirada na obra de William Shakespeare (1564-1616), em São Paulo, sob a direção de Antunes Filho;

1967 – Ingressa na primeira turma do curso de Rádio e TV da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Na Escola de Arte Dramática (EAD) da universidade, participa do elenco do espetáculo *Pedro Pedreiro*, texto de Renata Pallotini, direção de Silnei Siqueira (1934-2013) e trilha sonora de Chico Buarque;

1968 – No segundo semestre, como resistência à ditadura militar e suas medidas autoritárias em relação ao ensino e à autonomia da universidade, o movimento estudantil e o corpo docente da USP iniciam as reuniões das comissões paritárias. É por meio desse acontecimento que Possi começa a observar os professores do curso de teatro: Alfredo Mesquita (1907-1986), Sábato Magaldi (1927-2016), Jacob Guinsburg, Miroel Silveira (1914-1988), Lauro César Muniz e Clóvis Garcia (1921-2012), entre outros. Em outubro, decide transferir-se para o curso de Crítica e Dramaturgia;

1970 – Forma-se no curso de Crítica e Dramaturgia da ECA-USP. Assiste pela primeira vez a uma apresentação do Ballet Stagium durante a programação de um festival no antigo Teatro Bela Vista (hoje, Teatro Sérgio Cardoso). Antes de ir para a Bahia, seu amigo Eduardo Araújo Esteves de Almeida o leva para fazer uma aula de dança com Maria Duschenes (1922-2014), um dos momentos que o desperta para a importância da consciência corporal;

1947 - Nasce em São Paulo

1965 - Instituto de Educação Antonio Firmino de Proença



1971 – Em fevereiro, muda-se para Bahia e começa a dar aulas de teatro na Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia (UFBA), onde conhece Lia Robatto. Em julho, conhece Ruth Rachou durante o Festival de Dança coordenado pelo Dep. de Dança da UFBA. É responsável pela criação coletiva *Momento-Processo* apresentada na Escola de Teatro da UFBA. No final deste ano, é eleito diretor da Escola;

1972 – Produz e dirige o espetáculo de criação coletiva *Monte Santo no Sertão da Bahia*, e inicia a montagem de *A Casa de Bernarda Alba*, texto de Federico García Lorca (1898-1936), na Escola de Teatro da UFBA;

1973 – Com apoio de Miroel Silveira (1914-1988) e patrocínio da ECA-USP, a peça *A casa de Bernarda Alba* faz apresentações em São Paulo, no Instituto Sedes Sapientiae. Dirige o espetáculo *Tito Andrônico*, baseado na obra de William Shakespeare (1564-1616), tradução de Carlos Alberto Nunes (1897-1990);

1974 – Ainda na Bahia, dirige, assina o figurino e atua no espetáculo *Marilyn Miranda*, texto de Cleise Mendes;

1975 – Dirige e assina o figurino de *Álbum de Família*, baseado na obra de Nelson Rodrigues (1912-1980);

1976 – Dirige e assina o figurino de *American Dreams*, obra composta por textos de autores norte-americanos, e o espetáculo *Canção Transitiva*, cujo roteiro foi construído por meio de colagem de textos de Tennessee Williams (1911-1983), Edward Albee (1928-2016), Arthur Miller (1915-2005) e James Baldwin (1924-1987) realizada por Possi em parceria com Cleise Mendes. No segundo semestre, obtém uma bolsa de estudos da Fulbright Foundation para desenvolver pesquisa sobre teatro e dança de vanguarda nos Estados Unidos;

1977 – Em Nova York, reencontra Ruth Rachou, que o leva para participar de uma aula de Merce Cunningham (1919-2009) e o conecta com o mundo da dança nos Estados Unidos;

1978 – No seu retorno a São Paulo, aceita o convite de Ruth Rachou para ir a uma reunião na casa da bailarina Mara Borba, onde conhece o bailarino e coreógrafo espanhol Victor Navarro e o evento *Arte-Aberta* do qual participa com a criação do solo *Dona Esperança*, em parceria com Ruth, que depois origina o espetáculo *Sonho de Valsa*, em parceria com o bailarino Thales Pan Chacon (1956-1997);

1973 - *A casa de Bernarda Alba*



1974 - *Marilyn Miranda*



1979 – Dirige, roteiriza e assina o figurino do espetáculo *Sonho de Valsa*, vencedor dos prêmios de direção e de cenografia da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA). Dirige Marilena Ansaldi no espetáculo *Um sopro de vida* (Prêmio APCA de Melhor Diretor de Dança), baseado na obra homônima da escritora Clarice Lispector (1920-1977);

1980 – Junto com Chico Buarque cria o musical inspirado na música *Geni*, protagonizado por Marilena Ansaldi. É o responsável pela iluminação do espetáculo *As Margens Plácidas*, do grupo teatral Pod Mínoqa. Dirige o show musical *Summertime* da cantora Cida Moreira;

1981 – Assina o roteiro, a direção, os figurinos e a iluminação de *Tratar com Murdock*, cujos destaques são a coreografia de Victor Navarro feita especialmente para Ruth Rachou e a participação do bailarino Ivaldo Bertazzo, e do show musical *Um Minuto Além*, de Zizi Possi. Cria a coreografia para o filme *Asa Branca – Um Sonho Brasileiro*, drama dirigido por Djalma Limongi Batista;

1982 – Dirige a atriz Irene Ravache no espetáculo *Filhos do Silêncio*, de Mark Medoff, e o ator Paulo Autran (1922-2007) na obra *Traições*, de Harold Pinter, e Marilena Ansaldi no solo *Picasso e eu*;

1983 – A convite de Klauss Vianna (1928-1992), responsável pelas Cia. 1 e 2 do Balé da Cidade de São Paulo no Theatro Municipal de São Paulo, cria, dirige e ilumina o espetáculo *A Dama das Camélias*, baseado na obra de Alexandre Dumas Filho (1824-1895). Dirige o musical *Band-Age* concebido por Zé Rodrix (1947-2009) e Miguel Paiva, coreografado por Sônia Mota;

1984 – Assina a direção e a iluminação do premiado espetáculo *De Braços Abertos*, texto de Maria Adelaide do Amaral, com atuações de Juca de Oliveira e Irene Ravache. É o responsável pelas coreografias dos filmes *Running out of Luck*, dirigido por Julien Temple, com atuação de Mick Jagger, e *The Emerald Forest*, de John Boorman. Ambos foram rodados no Brasil e contaram com a participação de atores brasileiros;

1985 – Dirige *Tartufo*, de Molière (1622-1673), com atuação de Paulo Autran e *Feliz Páscoa*, de Jean Poiret (1926-1992);

1986 – Dirige: *Santa Joana*, de Bernard Shaw (1856-1950), com atuação de Esther Góes. Escreve e dirige *Rito de Amor e Morte na Casa de Lilith*, *a Lua Negra*, com atuações de Odilon Wagner e Selma Egrei, obra vencedora do Prêmio Molière de direção teatral, e *Um Dia Muito Especial*, de Ettore Scola (1931-2016), com atuações de Glória Menezes e Tarcísio Meira;

1979 - *Um Sopro de Vida*

1986 - *Santa Joana*



1987 – Dirige *Ligações Perigosas*, de Christopher Hampton, com atuação de Marieta Severo, e *O Manifesto*, de Brian Clark, com atuação de Beatriz Segall, vencedor do Prêmio Molière de direção teatral. Dirige e faz o figurino de *O Lobo de Ray-Ban*, texto de Renato Borghi. Nesse espetáculo se dá o primeiro encontro com Christiane Torloni e Raul Cortez. Cria coreografia especial para a atriz Marília Pêra (1943-2015) no filme brasileiro *Anjos da Noite*, dirigido por Wilson Barros (1948-1992);

1988 – Vence o prêmio APCA de melhor diretor pelo aclamado musical *Emoções Baratas*, que recria o clima dos cabarés do início do século 20 ao som do jazz de Duke Ellington, músico inspirador do trabalho da banda *Heartbreakers*, que colabora com Possi Neto. O musical é o primeiro de uma trilogia composta por outros dois ritmos: a salsa e o samba;

1989 – Assume a direção da montagem *Lilian*, de Willian Luce, com atuação de Beatriz Segall e do show musical *Bilbao Cabaré*, de Cida Moreira. Concebe e dirige *Alma em Fogo* para a Cisne Negro Cia. de Dança. Dirige o elenco de uma montagem experimental de sua autoria resultado de um *workshop* ministrado no Teatro de Bremen (Alemanha) e uma gala de dança no Piccolo Teatro Studio de Milão (Itália);

1990 – Dirige Raul Cortez (1932-2006) no espetáculo *M. Butterfly*, de David Henry Hwang; e o show musical *Maria Bethânia, 25 anos*, vencedor do Prêmio APCA de melhor show musical. Recebe o Prêmio Mambembe de melhor espetáculo pela obra *Santa Joana*;

1991 – Faz a cenografia do espetáculo *As Boas*, de José Celso Martinez Corrêa;

1992 – Dirige *Quem Matou a Baronesa?*, de Leilah Assumpção, com atuação de Marília Pêra (1943-2015), e o segundo musical sobre ritmos latinos, *Mucho Corazón*;

1993 – Dirige *Gilda*, de Noël Coward (1899-1973), com interpretação de Fernanda Montenegro. Atua como diretor, iluminador e cenógrafo do espetáculo *10 Elevado a Menos 43 – Extase*, de Albino Forjaz de Sampaio (1884-1949), com atuação de Christiane Torloni, nas cidades de Lisboa e Porto, em Portugal;

1994 – É o responsável pela adaptação e direção da ópera *La Traviata*, de Giuseppe Verdi (1813-1901), apresentada no 25º Festival de Inverno de Campos do Jordão; dirige Zizi Possi no aclamado show *Valsa Brasileira*;

1988 - Emoções Baratas

1993 - Gilda



1995 – Destaca-se com a direção da montagem de *Três Mulheres Altas*, de Edward Albee (1928-2016), com atuações de Beatriz Segall, Nathália Timberg e Marisa Orth. A obra venceu os prêmios APCA e Mambembe de melhor espetáculo. Dirige o show musical *Sonho e Realidade*, da cantora Simone;

1996 – Dirige *A Casa de Eros*, de Cleise Mendes em comemoração aos 40 anos da Escola de Teatro da UFBA, e Zizi Possi no sofisticado show *Mais Simples*;

1997 – Dirige: *Salomé*, de Oscar Wilde (1854-1900), com atuação de Christiane Torloni, *O Bailado do Deus Morto*, de Flávio de Carvalho, e Irene Ravache e Juçara Freire em *Inseparáveis*, de Maria Adelaide Amaral. Rodolfo Konder convida Possi para trabalhar como diretor artístico do Balé da Cidade de São Paulo, onde trabalha por dois anos e meio;

1998 – Assina a direção da montagem *Enthousiasmós*, no Balé da Cidade de São Paulo. Cria e dirige o icônico show *Per Amore*, de Zizi Possi;

1999 – Dirige *Baile na Roça – Coreografias para Portinari* no Balé da Cidade de São Paulo, e *Lábaro Estrelado*, de sua autoria e de Cleise Mendes. Cria, dirige e faz a cenografia do solo *Um Certo Olhar*, baseado na obra de Fernando Pessoa (1888-1935) e Federico García Lorca (1898-1936), para Raul Cortez (1932-2006);

2000 – Dirige *Joana Dark – A Re-Volta*, de Carolyn Gage, com atuação de Christiane Torloni, a performance de teatro-dança *33 O Eu e o Outro*, com coreografia de Sandro Borelli na exposição retrospectiva de Ismael Nery, e a ópera *Il Guarany*, de Carlos Gomes (1836-1896);

2001 – Dirige *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, de José Saramago (1922-2010), com atuações de, entre outros, Paulo Goulart (1933-2014), Celso Frateschi, Eriberto Leão e Maria Fernanda Cândido, *Um Porto para Elizabeth Bishop*, de Marta Góes, interpretado pela atriz Regina Braga, *Ponto de Vista*, de David Hare com Beatriz Segal, e o espetáculo *Ensina-me a viver*, idealizado pela atriz Nilda Spencer (1923-2008) para comemorar seus 50 anos de carreira;

2002 – Dirige *Blue Room*, de Arthur Schnitzler (1862-1931) e David Hare, com atuação de Christiane Torloni e Murilo Rosa, *Variações Enigmáticas*, de Éric-Emmanuel Schmitt, com atuações de Cecil Thiré e de Paulo Autran (1922-2007). Assume a direção cênica da ópera *As Bodas de Fígaro*, de Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791), com regência de Ira Levin (1929-2007), no Theatro Municipal de São Paulo;

1995 - *Três Mulheres Altas*

2001 - *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*



2003 – Dirige a ópera *Falstaff*, de Giuseppe Verdi (1813-1901), com regência de Ira Levin, no Theatro Municipal de São Paulo;

2004 – Dirige *Mulheres por um Fio*, de Dorothy Parker (1893-1967), Jean Cocteau (1889-1963) e Miguel Falabella, com atuação de Christiane Torloni, e *Coração Bazar*, de sua autoria e de Regina Duarte. É responsável pela direção cênica da ópera *Romeu e Julieta* de Charles Gounod (1818-1893), com regência de Jamil Maluf, no Theatro Municipal de São Paulo;

2005 – Estreia de *Baile Estelar*, musical de Guga Stroeter e José Possi Neto, inspirado na MPB. É o último musical da trilogia composta por *Emoções Baratas* (1988) e *Mucho Corazón* (1992);

2006 – Dirige *Acorda Brasil*, de Antônio Ermírio de Moraes (1928-2014), onde 18 jovens de Heliópolis, selecionados em projetos socioculturais mantidos pelo Instituto Bacarelli, atuam ao lado de, entre outros, Petrônio Gontijo, Arlete Salles e Mylla Christie;

2007 – Dirige o espetáculo de teatro-dança *De um Lugar para o Outro* para Companhia Cênica Nau de Ícaros. Dirige e cria o figurino de *Amigas, Pero no Mucho*, de Célia Regina Forte, e o musical *O Baile*, de Jean-Claude Penchenat, com roteiro de Valderéz Cardoso Gomes, coreografia de Carlinhos de Jesus e produção da atriz Tássia Camargo;

2008 – Assume a direção da nova temporada da ópera *Falstaff*, de Giuseppe Verdi (1813-1901), com regência de Rodolfo Fischer, no Theatro Municipal de São Paulo. Assina o roteiro e a direção da série de shows *Cantos e Contos* para Zizi Possi;

2009 – É o responsável pela iluminação e direção do espetáculo *A Loba de Ray-Ban*, de Renato Borghi, com atuações de Christiane Torloni, Leonardo Franco e Maria Maya. Dirige *A Música Segunda*, de Marguerite Duras, com atuação de Helena Ranaldi e Leonardo Medeiros;

2010 – É o responsável pela iluminação e direção de *Usufruto*, de Lúcia Veríssimo. Faz releitura do espetáculo *Emoções Baratas* (1988), com Guga Stroeter e a Orquestra Heartbreakers. Dirige o espetáculo *Martha Graham – Memórias*, sua criação junto com a atriz Heloisa Abdelnur, para a Studio3 Cia. de Dança e para a Companhia Sociedade Masculina, coreografado por Anselmo Zolla e dos shows *Em Boa Companhia*, da cantora Simone, e *Bons Tempos* com Luiza Possi;

2011 – Dirige *Cabaret*, de Joe Masteroff, famoso musical da Broadway adaptado por Miguel Falabella, com destaque para as atuações de Cláudia Raia e Jarbas Homem de Mello, *Ciranda*, de Célia Regina Forte, com atuações de Tânia Bondezan e Daniela Galli, e o musical *New York, New York*, baseado na obra homônima de Earl Mac Rauch e no roteiro do filme homônimo de Martin Scorsese;

2004 - Mulheres por um Fio

2006 - Acorda Brasil



2012 – É o responsável pela direção e pelo roteiro do espetáculo *Teu Corpo é Meu Texto*, com coreografia de Anselmo Zolla, textos de Eduardo Ruiz e atuações de Christiane Torloni, Studio3 Cia. de Dança e Companhia Sociedade Masculina. Dirige o show *Tudo se Transformou*, de Zizi Possi;

2013 – Remonta *Um Porto para Elizabeth Bishop*, com roteiro de Marta Góes e interpretação de Regina Braga na Mostra Petrobrás de Teatro realizada com apoio do Itaú Cultural, e o musical *Crazy For You*, versão de Miguel Falabella, protagonizado por Claudia Raia e Jarbas Homem de Mello;

2014 – Assina a direção de *Paixão e Fúria – Callas, o Mito*, com coreografia criada por Anselmo Zolla para a Studio3 Cia. de Dança e participação especial de Marilena Ansaldi, e *Vidas Privadas*, do dramaturgo Noël Coward (1899-1973);

2015 – Dirige *Orpheus*, com coreografia de Anselmo Zolla para a Studio3 Cia. de Dança, participação especial de Marilena Ansaldi; o espetáculo *Raia 30, O Musical*, texto de Miguel Falabella, produzido em homenagem aos 30 anos de carreira da atriz e bailarina Cláudia Raia, o espetáculo *Antes Tarde do que Nunca*, com Miguel Falabella, e o espetáculo *Master Class*, baseado numa aula magna ministrada pela soprano Maria Callas na Julliard School de Nova York, protagonizado por Christiane Torloni;

2016 – É convidado para dirigir *Ghost – O Musical*, inspirado no filme *Ghost – Do outro lado da vida* (1990), com roteiro de Bruce Joel Rubin; e o *Musical Mamonas*, texto de Walter Daguerre, inspirado na vida e obra da banda Mamonas Assassinas.

Cronologia por Larissa Helena da Rocha Martins

Emoções Baratas (fotos: Marcos Mesquita) >

2011 - Cabaret



2014 - Paixão e Fúria – Callas o Mito





Para Saber Mais

Sites

https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Possi_Neto
<http://topicos.estadao.com.br/jose-poss-neto>
<http://www.tca.ba.gov.br/oteatro/noticias/jos%C3%A9-poss-neto-tcan%C3%BAcleo>
<http://centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br/atividade/jose-poss-neto-em-foco>
<https://abroadwayequi.com.br/tag/jose-poss-neto/>
<http://arte1.band.uol.com.br/tag/jose-poss-neto-diretor/>
<http://www.newyorknewyork.com.br/equipe-elenco>
<http://spescoladeteatro.org.br/noticias/ver.php?id=5264>
<http://vejasp.abril.com.br/materia/jose-poss-neto-3-perguntas-para>
<http://atarde.uol.com.br/muito/noticias/1653506-nao-estou-preocupado-em-ser-contemporaneo>

Vídeos

<https://www.youtube.com/watch?v=CCFrc83Ep5w>
<https://www.youtube.com/watch?v=TzM2Jx8cXwo>
<https://www.youtube.com/watch?v=VcTJ1YW1bLE>
<https://www.youtube.com/watch?v=dspvznFOSNI>
<https://www.youtube.com/watch?v=dspvznFOSNI>
<https://www.youtube.com/watch?v=aP4Mnu1BXIU>
<https://www.youtube.com/watch?v=bo-WIerX-tQ>
<https://www.youtube.com/watch?v=bkmywIoQ3fw>
<https://www.youtube.com/watch?v=5W7aK0Ok-fl>
<https://www.youtube.com/watch?v=ySYvbUB6cfY>





A Casa de Bernarda Alba (1973)



Marilyn Miranda (1974)



Gilda (1993)



Três Mulheres Altas (1995)



Um Sopro de Vida (1979)



Lilith, a Lua Negra (1986)



O Evangelho Segundo Jesus Cristo (2001)



As Bodas de Figaro (2003)

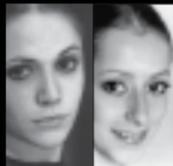


SÃO PAULO COMPANHIA DE DANÇA

DIREÇÃO ARTÍSTICA | INÊS BOGÉA

É uma companhia que dança de ponta a ponta, seja pelo variado repertório, que vai do clássico ao contemporâneo; seja pela diversidade dos programas, que abrangem Produção Artística e Circulação de Espetáculos; Programas Educativos e de Formação de Plateia; e Programas de Registro e Memória da Dança. Criada pelo Governo do Estado de São Paulo em 2008, a SPCD, dirigida por Inês Bogéa, busca uma conexão com a plateia pela paixão, curiosidade e percepção do mundo da dança em movimento. Desde que foi criada produziu 49 coreografias, realizou mais de 580 espetáculos e foi vista por 520 mil pessoas. A SPCD também produziu mais de 40 documentários sobre dança e publicou seis livros de ensaios.



2014**2015****2016****2013****2012****2011****2010****2009****2008**

Figuras da Dança

A dança tem muitas histórias, e para revelar um pouco delas a Companhia criou a série de documentários *Figuras da Dança* que traz para você essa arte contada por quem a viveu. A série conta com 33 episódios: Ady Addor, Ismael Guiser (1927-2008), Ivonice Satie (1950-2008), Marilena Ansalđi, Penha de Souza, Antonio Carlos Cardoso, Hulda Bittencourt, Luis Arrieta, Ruth Rachou, Tatiana Leskova, Angel Vianna, Carlos Moraes, Márcia Haydée, Décio Otero, Sônia Mota, Célia Gouvêa, Ana Botafogo, Ismael Ivo, Lia Robatto, Marilene Martins, Edson Claro (1949-2013), Hugo Travers, Janice Vieira, Cecília Kerche, J.C. Viola, Eva Schul, Paulo Pederneiras, Eliana Caminada, Jair Moraes, Mara Borba, Maria Pia Finóchio, Nora Esteves e José Possi Neto. Os documentários foram codirigidos por Inês Bogéa e Antonio Carlos Rebesco (2008), Sérgio Roizenblit (2009) e Moira Toledo (2010). Desde 2011 tem direção de Inês Bogéa.





APOIO

Itaú
cultural



PATROCÍNIO



FINALIZAÇÃO



REALIZAÇÃO

ASSOCIAÇÃO
PRO-DANÇA
ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA



SÃO PAULO
COMPANHIA DE
DANÇA


GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO
Secretaria da Cultura

SECRETARIA DO
AUDIUVISUAL

MINISTÉRIO DA
CULTURA

